


PERIÓDICO DE DIVULGAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS POLÍTICAS E PRÁTICAS EM EDUCAÇÃO DE SURDOS



EDUCAÇÃO DE SURDOS

UMA CONSTRUÇÃO INTERDISCIPLINAR EM FOCO

A BRINCADEIRA ESTÁ NO AR


O uso de jogos criativos que se apropriam da língua de sinais e da visualidade para construção de sentido e interação com alunos surdos

GTS DO CONGRESSO INTERNACIONAL 2015

Confira os relatos dos profissionais do INES que coordenaram aos Grupos de Trabalho ocorridos no COINES 2015

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E LITERATURA SURDA

As histórias infantis como ferramenta criativa nas aulas de artes visuais com alunos surdos – uma experiência em educação ambiental



Criada em 2000, a Revista Arqueiro é uma publicação semestral do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, divulgada nas versões impressa e on line. Desde sua criação, o principal foco de atuação vem sendo a divulgação de experiências práticas dos profissionais ligados à área de educação de surdos e/ou afins.

Dessa forma, destacam-se abordagens teóricas e práticas sobre o ensino-aprendizagem de diversas áreas e disciplinas que dialogam nos diferentes níveis de ensino: da Educação Básica ao Ensino Superior. Dentre as experiências de ensino, destacam-se a apresentação e divulgação de relatos de experiências docentes em sala de aula e de profissionais ligados à área da surdez (pedagogos, fonoaudiólogos, psicólogos, assistentes sociais, tradutores-intérpretes, etc). Busca-se também divulgar contribuições da práxis profissional voltadas à formação inicial e continuada de professores e coordenadores que atuam ou pretendem atuar nessa área.



foto: Felipe Cohen | arte: Ramon Linhares

R E V I S T A

Arqueiro

PERIÓDICO DE DIVULGAÇÃO DE
EXPERIÊNCIAS POLÍTICAS E PRÁTICAS
EM EDUCAÇÃO DE SURDOS

INES
Instituto Nacional de
Educação de Surdos



Ministério da
Educação



• SUMÁRIO •

REVISTA ARQUEIRO
ISSN 1518-2495

GOVERNO DO BRASIL

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Dilma Vana Rousseff

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Aloizio Mercadante

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS

DIRETOR GERAL
Marcelo Ferreira de Vasconcelos Cavalcanti

DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO, CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO
Gabriela Rizo

COORDENAÇÃO DE PROJETOS EDUCACIONAIS E TECNOLÓGICOS
Gilsilene Gonçalves de Moraes

DIVISÃO DE ESTUDOS E PESQUISAS
Nádia Postigo

PUBLICAÇÕES INES

COORDENAÇÃO EDITORIAL DDHCT/INES
Fabiola de Vasconcelos Saudan
Gabriela Rizo
Gilsilene Gonçalves de Moraes
Luiz Alexandre da Silva Rosado
Ramon Santos de Almeida Linhares

SECRETÁRIA
Amanda Albarnaz de Freitas

ORGANIZADORES DESTA EDIÇÃO
Gabriela Rizo
Luciana Andrea Furtado
Marisa Gomes
Osilene Cruz
Ricardo de Souza Janoario

COORDENAÇÃO EDITORIAL EXECUTIVA
Gabriela Rizo
Luiz Alexandre da Silva Rosado
Ramon Santos de Almeida Linhares

PROGRAMAÇÃO VISUAL E DIAGRAMAÇÃO
Ramon Santos de Almeida Linhares

Rua das Laranjeiras, nº 232 – 3º andar, SL 306
Rio de Janeiro – RJ – Brasil – CEP: 22240-003
Telefax: (21) 2285-7284 / 2205-0224
E-mail: conselhoeditorial@ines.gov.br

DOSSIÊ **EXPERIÊNCIAS SURDAS** (Parte I)

MATERIAIS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS NA EDUCAÇÃO DE SURDOS

07

Luiz Carlos Souza
Vanessa Lesser
Luciana Andrea Furtado

LÍNGUA PORTUGUESA COMO L2 NA EDUCAÇÃO BÁSICA

13

Daniele Moura
Danielle Coelho Lins

DIAGNÓSTICOS AUDIOLÓGICOS

19

Martha Marcela Bazilio
Alessandra Rabello Lamenza

OS CENTROS DE APOIO À PESSOA SURDA (CAS) EM NOSSO PAÍS

23

Gabriela Rizo
Isabelle Flor de Nogueira

FLUXO CONTÍNUO DE ARTIGOS ENVIADOS

O USO DE HISTÓRIAS INFANTIS COMO FERRAMENTA CRIATIVA NAS AULAS DE ARTES VISUAIS COM ALUNOS SURDOS: UMA EXPERIÊNCIA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

31

Aline Vargas
Júliete Viana
Noemi Horowicz
Ruth Mariani
Stella Manes
Sandro Portella
Ricardo Malheiros

A BRINCADEIRA ESTÁ NO AR

41

José Maria P. Domingues
Eliane do Nascimento Gouvêa
Murilo Castello Branco
Norma da Silva Chaves
Noemi Beneques Horowicz

Arqueiro / Instituto Nacional de Educação de Surdos. – Vol.1 (jan/jun 2000) – Rio de Janeiro : INES, 2000 – v. : il. ; 21 cm.

Semestral
ISSN 1518-2495

1. Surdos – Educação. I. Instituto Nacional de Educação de Surdos (Brasil).

CDD – 371.912



EDITORIAL

O objetivo da REVISTA ARQUEIRO é veicular experiências de trabalho relacionadas ao universo surdo. Nesse sentido, esta edição traz os relatos dos profissionais do Instituto Nacional de Educação de Surdos que coordenaram os Grupos de Trabalho (GT) ocorridos no XX Congresso Internacional do INES e XIV Seminário Nacional de 2015. Nesse evento, foram organizados quinze GTs com temáticas específicas.

Esse periódico traz relatos de sete desses grupos, com contribuições de várias partes do Brasil e trabalhos de fora do INES, em diálogo com nossos profissionais. A proposta foi realizar troca de conhecimentos entre pares, com finalidade de ampliação do universo dos participantes. Incluem-se aqui os próprios profissionais do INES, uma vez que a interação com diversos atores do âmbito da surdez traz para o Instituto uma perspectiva com relação ao que interessados do país inteiro esperam das políticas públicas da área.

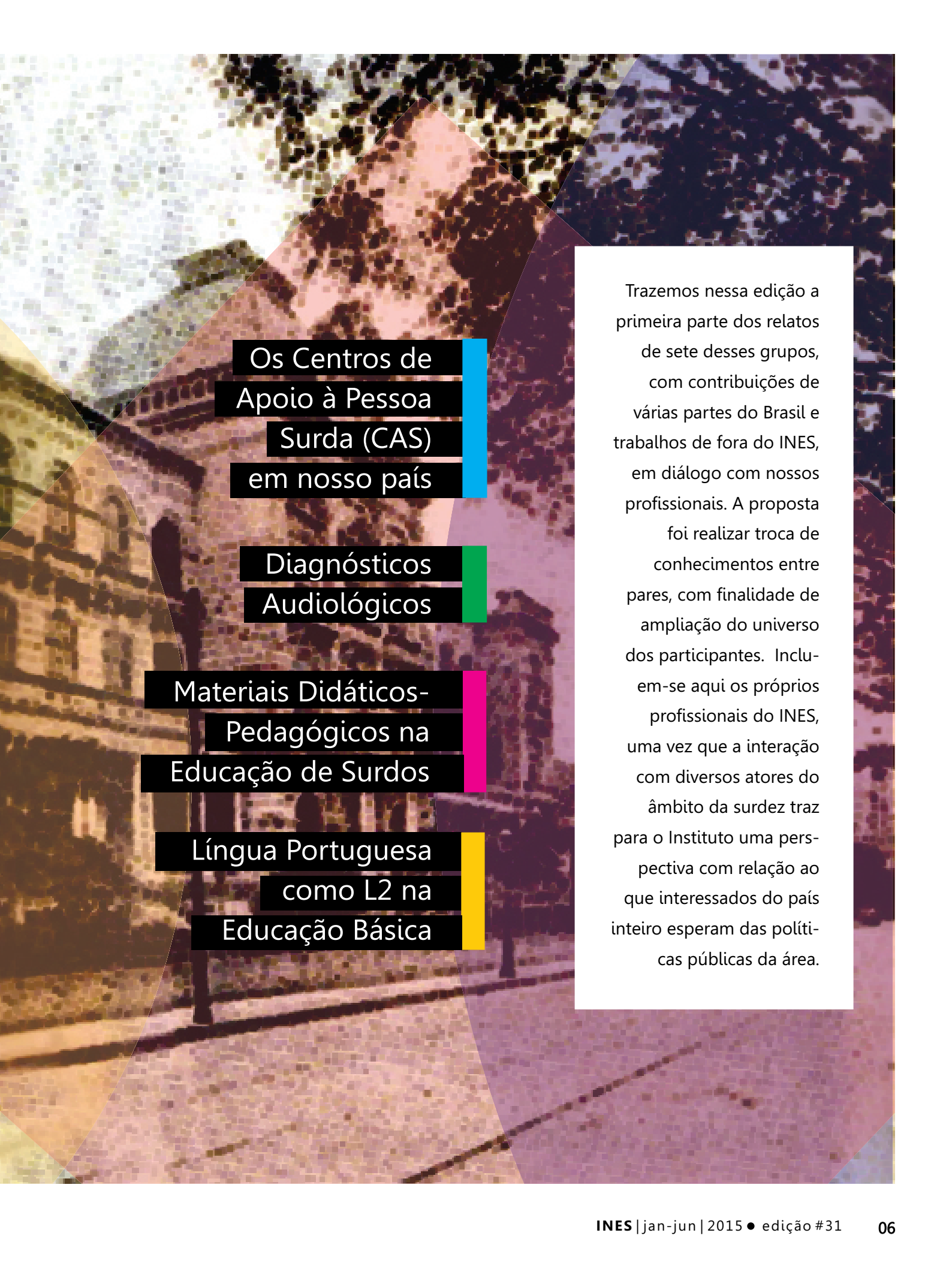
os editores



EXPERIÊNCIAS *Surdas*

Relatos de experiências dos Grupos de Trabalho (GT)
ocorridos no Congresso Internacional do INES de 2015

PARTE 1



Os Centros de
Apoio à Pessoa
Surda (CAS)
em nosso país

Diagnósticos
Audiológicos

Materiais Didáticos-
Pedagógicos na
Educação de Surdos

Língua Portuguesa
como L2 na
Educação Básica

Trazemos nessa edição a primeira parte dos relatos de sete desses grupos, com contribuições de várias partes do Brasil e trabalhos de fora do INES, em diálogo com nossos profissionais. A proposta foi realizar troca de conhecimentos entre pares, com finalidade de ampliação do universo dos participantes. Incluem-se aqui os próprios profissionais do INES, uma vez que a interação com diversos atores do âmbito da surdez traz para o Instituto uma perspectiva com relação ao que interessados do país inteiro esperam das políticas públicas da área.

MATERIAIS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS NA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Professora do Ensino Básico do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Especialista em Educação de Surdos pelo Departamento de Ensino Superior desse mesmo instituto (DESU/INES)

**LUCIANA
ANDREA
FURTADO**

Professora da disciplina de LIBRAS do Ensino Básico do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).
Mestranda em Diversidade e Inclusão pela Universidade Federal Fluminense (UFF)

**VANESSA
LESSER**

Professor do Ensino Básico do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Especialista em LIBRAS, Ensino, Tradução e Interpretação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

**LUIZ
CARLOS
SOUZA**



“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”

PAULO FREIRE

É uma tradição dentro da comunidade surda a participação de professores que se interessam pela área da surdez e de profissionais que já atuam efetivamente na educação de surdos no Congresso Internacional e Nacional, promovido; anualmente, pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

O Congresso sempre adotou um modelo expositivo de trabalho, com palestras nacionais e internacionais, versando sobre a temática da surdez e sempre reuniu um público que anseia pelas apresentações. Todavia, no ano de 2015, acompanhando as novas propostas de educação, o formato tradicional e imponente de anos anteriores foi modificado de modo a contemplar uma perspectiva de troca de conhecimentos, partindo do pressuposto de que não cabe exclusivamente ao INES ofertar conhecimento, e sim ser o grande mediador do que a educação já produz em âmbito nacional. Dessa forma, foram criados os Grupos de Trabalhos (GTs), totalizando um número de 15, com o objetivo de ampliar as discussões desde a Educação Básica até a inserção

do sujeito surdo no mercado de trabalho, passando pelo atendimento fonoaudiológico e pela necessidade do tradutor / intérprete de Libras/Português.

A nós, coube a maravilhosa, porém árdua, tarefa de abordar, no GT 5, a temática “Material Didático-Pedagógico na Educação de Surdos”, que pode parecer algo simplório e fácil de ser abordado, mas requer um estudo aprofundado, uma vez que se faz necessária a produção de material desde o ingresso desse sujeito em ambiente escolar até a sua inserção no mercado de trabalho. Tudo isso em função de ser cada vez mais necessária. É uma tradição dentro da comunidade surda a participação de professores que se interessam pela área da surdez e de profissionais que já atuam efetivamente na educação de surdos no Congresso Internacional e Nacional, promovido; anualmente, pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

O Congresso sempre adotou um modelo expositivo de trabalho, com palestras nacionais e internacionais, versando sobre a temática da surdez e sempre reuniu um público que anseia pelas apresentações. Todavia, no ano de 2015, acompanhando as novas propostas de educação, o formato tradicional e imponente de anos anteriores foi modificado de modo a

contemplar uma perspectiva de troca de conhecimentos, partindo do pressuposto de que não cabe exclusivamente ao INES ofertar conhecimento, e sim ser o grande mediador do que a educação já produz em âmbito nacional. Dessa forma, foram criados os Grupos de Trabalhos (GTs), totalizando um número de 15, com o objetivo de ampliar as discussões desde a Educação Básica até a inserção do sujeito surdo no mercado de trabalho, passando pelo atendimento fonoaudiológico e pela necessidade do tradutor / intérprete de Libras/Português.

TUDO ISSO EM FUNÇÃO DE SER CADA VEZ MAIS NECESSÁRIA É UMA TRADIÇÃO DENTRO DA COMUNIDADE SURDA A PARTICIPAÇÃO DE PROFESSORES QUE SE INTERESSAM PELA ÁREA DA SURDEZ E DE PROFISSIONAIS QUE JÁ ATUAM EFETIVAMENTE NA EDUCAÇÃO DE SURDOS NO CONGRESSO INTERNACIONAL E NACIONAL.

A nós, coube a maravilhosa, porém árdua, tarefa de abordar, no GT 5, a temática “Material Didático- Pedagógico na Educação de Surdos”, que pode parecer algo simplório e fácil de ser abordado, mas requer um estudo aprofundado, uma vez que se faz necessária a produção de material desde o ingresso desse sujeito em ambiente escolar até a sua inserção no mercado de trabalho. Tudo isso em função de ser cada vez mais necessária a qualificação para atuação em diversos campos profissionais.

Para estruturarmos a dinâmica de trabalho a ser discutida nos dias dos GTs do Congresso, nós, coordenadores, nos reuníamos semanalmente de modo a selecionar um texto-base que norteasse a nossa temática junto aos participantes e que estivesse de acordo com as determinações da Lei n.º 10.436/2002 (Lei de Libras) e com o Decreto n.º 5.626/2005 que a regulamentou.

Posteriormente a essa seleção do texto base, organizamos uma apresentação com os tópicos mais relevantes do texto e dos documentos legais, de modo a contemplar os participantes que não receberam o material em sua caixa de e-mail e também os que não puderam lê-lo em tempo hábil. Essa foi a forma

encontrada para inserir todos na discussão e sanar possíveis dúvidas encontradas durante a leitura.

No primeiro dia de GT, iniciamos com a apresentação dos coordenadores e dos consultores e alinhavamos com o grupo que aquele momento de encontro não era pensado para a produção de materiais em um mo-

(...) A TEMÁTICA “MATERIAL DIDÁTICO-PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO DE SURDOS”, QUE PODE PARECER ALGO SIMPLÓRIO E FÁCIL DE SER ABORDADO, MAS REQUER UM ESTUDO APROFUNDADO, UMA VEZ QUE SE FAZ NECESSÁRIA A PRODUÇÃO DE MATERIAL DESDE O INGRESSO DESSE SUJEITO EM AMBIENTE ESCOLAR ATÉ A SUA INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO.

delo de oficina, e sim de estruturação, em nível de pensamento, das necessidades para a efetivação de um material bilíngue para surdos. Uma dinâmica foi ministrada de modo a pensar de forma rápida, com uma tempestade de ideias, sobre material didático. Findada essa introdução, passamos às orientações acerca do texto e solicitamos produções naturais e escritas em du-

plas sobre o tema: O que é material didático? A nós, coordenadores, coube a leitura dessas produções do primeiro dia, de modo a orientar as discussões do segundo dia de encontro. O primeiro dia de encontro foi bastante enriquecedor, pois nos foi revelado que muitas pessoas se interessam pela temática, ocasionando um número expressivo de participantes durante todo o evento. O público, no geral composto por professores e estudantes, participou ativamente, chegando um dos dias a ter 75 participantes presentes nas discussões.

O segundo dia foi marcado pela exposição de materiais didáticos produzidos pelo INES e compartilhados com outras instituições de ensino e também por materiais produzidos por professores também do Instituto e que são utilizados em suas aulas. Procuramos destacar, desta forma, que material didático que material didático pode ser desde uma tarefa elaborada mídia tecnológica, um jogo, por exemplo, até uma folha de atividades que o professor confecciona como apoio às suas aulas. Dentre as discussões com o grupo, foi salientada a ausência de livros didáticos efetivamente bilíngues.

Novamente, os participantes foram convidados a se reunirem, desta vez em grupos de

**CONHECER O QUE O
OUTRO TEM A DIZER
TORNA-NOS MAIS
SENSÍVEIS A
PROBLEMAS, ANTES
POUCO CONHECIDOS, E
NOS LEVA A PENSAR NO
QUANTO O MATERIAL
DIDÁTICO ADEQUADO
PODE ENRIQUECER E
FAVORECER A
AQUISIÇÃO DO
CONHECIMENTO PELO
SUJEITO SURDO.**

5 a 7 pessoas, com o objetivo de apresentar aos demais suas reflexões acerca da necessidade da produção de materiais didáticos. Com o fim das apresentações, os participantes foram convidados a apresentar, no terceiro dia de encontro, sugestões de materiais que desenvolveram a partir de sua realidade e necessidade.

O terceiro dia iniciou com a mostra de materiais didáticos dos participantes. Tal experiência nos levou a contemplar histórias e realidades diferentes das que são construídas no INES, a saber: sistemas de inclusão mal realizados, nos quais alunos surdos e professores neces-

sitam impor sua presença de modo a garantir a escolarização; professores não proficientes em Libras que se sentem incapazes de ministrar aulas; escolas com falta de recursos para a produção de materiais didáticos e que fazem uso da criatividade, trabalhando com materiais reciclados; projetos que precisam ser realizados junto às escolas de modo a conscientizar alunos e comunidade escolar acerca das especificidades da surdez, garantindo o respeito à Libras, sem que essa língua seja encarada como uma mímica, entre outros.

Com o término das apresentações pelos participantes, os coordenadores mostraram o relatório das discussões do primeiro e segundo dia em forma de texto, de modo a ser socializado com o grupo e complementado para a composição do relatório final. Esse relatório, por sua vez, foi composto com a tabulação de palavras comuns na maioria dos textos e versa sobre o anseio dos participantes acerca da proficiência em Libras pelos docentes e pela criação de materiais de modo a efetivá-los bilíngues, sendo a L1 do sujeito surdo respeitada e o português escrito como L2, com respeito ao dispositivo legal, exercido na modalidade escrita. O apontamento sobre a ausência desses materiais e a necessidade de confecção pelo docente foi mais um dos posicionamentos dos

O MODELO PROPOSTO PARA O EVENTO EM 2015 OPORTUNIZOU INTERAÇÃO ENTRE OS PARTICIPANTES, SOCIALIZAÇÃO DE SABERES E DE VÁRIAS REALIDADES DENTRO DE UM MESMO TERRITÓRIO NACIONAL E DE DISCUSSÃO SOBRE COMO A SURDEZ VEM SENDO VISTA E TRATADA.

(...) ESCOLAS COM FALTA DE RECURSOS PARA A PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS E QUE FAZEM USO DA CRIATIVIDADE, TRABALHANDO COM MATERIAIS RECICLADOS; PROJETOS QUE PRECISAM SER REALIZADOS JUNTO ÀS ESCOLAS DE MODO A CONSCIENTIZAR ALUNOS E COMUNIDADE ESCOLAR ACERCA DAS ESPECIFICIDADES DA SURDEZ, GARANTINDO O RESPEITO À LIBRAS, SEM QUE ESSA LÍNGUA SEJA ENCARADA COMO UMA MÍMICA, ENTRE OUTROS.

participantes.

O quarto e último dia foi destinado à apresentação do relatório final dos GTs e contou com a mostra de todos os trabalhos no Auditório principal do Congresso. É importante destacar que o modelo proposto para o evento em 2015 oportunizou interação entre os participantes, socialização de saberes e de várias realidades dentro de um mesmo território nacional e de discussão sobre como a surdez vem sendo vista e tratada.

Enquanto coordenadores, essa ideia de não estarmos ali ministrando conhecimento e sim mediando discussões e sintetizando ideias é algo que nos leva a rever nossa prática profissional, afinal, comungar com a realidade educacional de nosso país nos leva a rediscutir a educação de surdos e o acesso às informações. Faz-nos dialogar, enquanto centro de referência na área da surdez, com a necessidade de se pesquisarem e produzirem materiais didáticos bilíngues que oportunizem uma prática docente mais voltada para a realidade. Faz-nos experimentar e conhecer anseios. Conhecer o que o outro tem a dizer torna-nos mais sensíveis a problemas, antes pouco conhecidos, e nos leva a pensar no quanto o material didático adequado pode enriquecer e favorecer a aquisição do conhecimento pelo sujeito surdo.

Estamos certos de que a implementação dos GTs em um Congresso com o peso social

que tem o do INES é o primeiro passo para a colaboração de uma educação bilíngue para surdos. Quando nos referimos a “peso social”, estamos tratando de sociedade como um todo, afinal, o congresso é um espaço em que todos os membros da sociedade civil podem inscrever-se e participar da discussão. Um espaço de troca e interseção de saberes é possível, como bem elucida Paulo Freire ao afirmar que “educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”. Assim, seguimos na militância docente, convictos de que o caminho é árduo, mas esperançosos por toda a luta que já vivemos até aqui. ●

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto 5.626. Regulamenta a lei 10.436 de 2002.

BRASIL. Lei 10.436 de 2002. Dispõe sobre a Língua de Sinais e dá outras providências.

TEIXEIRA, V. G.; BAALBAKI, A. C. F. Novos caminhos pensando Materiais Didáticos de Língua Portuguesa como Segunda Língua para Alunos Surdos. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/26931>>. Acesso em 19.10.2015.



**PARA TER ACESSO E
BAIXAR GRATUITAMENTE
TODOS OS MATERIAIS
DIDÁTICOS DO INES
ACESSE**

www.ines.gov.br

LÍNGUA PORTUGUESA COMO L2 NA EDUCAÇÃO BÁSICA

DANIELLE COELHO LINS

Mestre em Linguística pela UERJ.
Especialista em Surdez e Letramento
pelo Instituto Nacional de
Educação de Surdos.
Atualmente atua como
professora de português
como segunda língua
para surdos e de
literatura no INES.

DANIELE MOURA

Mestre em Estudos da Linguagem
pela PUC/RJ. Professora de
português como L2 para surdos e
de literatura no INES. Experiência
em Letras, com ênfase em ensino
de Língua Inglesa para ouvintes e
de português como segunda
língua (PL2) para estrangeiros
ouvintes e para surdos brasileiros.



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho aborda a discussão sobre a aplicação de estratégias de ensino de Língua Portuguesa como segunda língua (L2) no trabalho com alunos surdos da Educação Básica do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). A referida discussão acontece no Grupo de Trabalho 03 (GT03) do XIV Congresso Internacional/XX Seminário Nacional do INES, intitulado Língua Portuguesa como L2 na Educação Básica. Para tal, apresenta-se o trabalho de final de curso da pós-graduação Educação Bilíngue: uma perspectiva bilíngue em construção, do Departamento de Ensino Superior do INES (DESU) chamado Aplicação de estratégias de ensino de LE/L2 no processo de ensino e aprendizagem do português escrito como segunda língua para surdos (PL2S). As conclusões do GT sinalizam a possibilidade do uso efetivo e produtivo de tais estratégias.

APRESENTAÇÃO

O GT03, intitulado Língua Portuguesa como L2 na Educação Básica, teve por objetivo sensibilizar os participantes, a partir de discussões e

reflexões acerca do ensino-aprendizagem de português como segunda língua para e por estudantes surdos, apresentando comparações entre estratégias de ensino de português como LE e L2.

A fim de proporcionar um espaço democrático em que todos tivessem a oportunidade de posicionar-se diante de tantos anseios, dividimos o GT em dois momentos: no primeiro, apresentamos considerações importantes acerca do ensino de português como segunda língua e, no segundo momento, lançamos ao grupo questões referentes ao texto base Aplica-

ção de estratégias de ensino de LE/L2 no processo de ensino e aprendizagem do português escrito como segunda língua para surdos (PL2S). Importante ressaltar que, no segundo momento, foi solicitado aos participantes que formassem grupos para que juntos dialogassem e refletissem acerca das proposições. Julgamos que, dessa forma, estaríamos propiciando ao grupo um espaço de trocas e interações, uma vez que o perfil dos participantes compreendia alunos de graduação, pós-graduação, profissionais do INES e de outras instituições de ensino.

O PÚBLICO DEMONSTRAVA CURIOSIDADE EM SABER COMO AS ATIVIDADES ERAM ELABORADAS, QUAIS AS PRIORIDADES (POR EXEMPLO: O FOCO ERA NA GRAMÁTICA, NO TEXTO, ETC.), EM QUE MOMENTO ERA DESENVOLVIDO O LETRAMENTO VISUAL, DENTRE OUTRAS QUESTÕES PERTINENTES À PRÁTICA DE ENSINO. ALIÁS, O CONCEITO DE LETRAMENTO VISUAL LEVANTOU UMA EXCELENTE DISCUSSÃO, POIS ALGUNS PARTICIPANTES DEMONSTRARAM DÚVIDAS A RESPEITO DA CONCEPÇÃO E DO CONCEITO DE LETRAMENTO E LETRAMENTO VISUAL.

ARTICULAÇÕES

Os participantes do GT apresentaram muitas dúvidas e anseios quanto ao ensino de português como segunda língua para surdos, em especial no contexto inclusivo, uma vez que nós estávamos apresentando uma prática que é desenvolvida em um espaço que consideramos privilegiado, o INES, pelo simples fato de lecionarmos apenas para alunos surdos, o que não é a realidade da grande maioria dos participantes do GT. Assim, o público demonstrava curiosidade em saber como as atividades eram elaboradas, quais as prioridades (por exemplo: o foco era na gramática, no texto,

(...) OS PARTICIPANTES FORAM CONVIDADOS A DESTACAR, EM GRUPOS, TÓPICOS QUE CONSIDERAVAM FUNDAMENTAIS E IMPRESCINDÍVEIS PARA UM ENSINO NA PERSPECTIVA DO PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA E QUE CONTEMPLASSEM AS ESPECIFICIDADES DO EDUCANDO SURDO.

etc.), em que momento era desenvolvido o letramento visual, dentre outras questões pertinentes à prática de ensino. Aliás, o conceito de letramento visual

O FATO É QUE CONSIDERAMOS IMPORTANTE DIALOGARMOS ACERCA DAS CORRENTES E SUAS RESPECTIVAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DO PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA E COMO ESSAS PODEM CONTRIBUIR NA ELABORAÇÃO DE MATERIAIS E EM NOSSA PRÁTICA PEDAGÓGICA.

levantou uma excelente discussão, pois alguns participantes demonstraram dúvidas a respeito da concepção e do conceito de letramento e letramento visual.

No que concerne a nossa prática pedagógica e às vivências expostas pelos participantes, percebemos que muitos desconheciam as correntes de ensino na perspectiva das segundas línguas e, em alguns momentos, essa situação gerou alguns equívocos, em especial no método audiolingual, e foi preciso escla-

recer que nós não estávamos dizendo que o surdo deveria falar ou realizar leitura labial, mas apenas apresentar a respectiva corrente de ensino. O fato é que consideramos importante dialogarmos acerca das correntes e suas respectivas contribuições para o ensino do português como segunda língua e como essas podem contribuir na elaboração de materiais e em nossa prática pedagógica. Para ilustrar tais correntes, apresentamos materiais elaborados para o ensino de português como L2 para nossos alunos.

Após as considerações relativas a cada corrente de ensino e às práticas pedagógicas, eis o momento de elencar os pontos considerados importantes pelo grupo para a elaboração do relatório final do GT. Para isso, os participantes foram convidados a destacar, em grupos, tópicos que consideravam fundamentais e imprescindíveis para um ensino na perspectiva do português como segunda língua e que contemplassem as especificidades do educando surdo. A seleção dos pontos levou em consideração a relevância da temática do grupo de trabalho e questões que iriam contribuir para uma reflexão e construção críticas de estratégias e didáticas de ensino do português para a comunidade surda.

AS CONTRIBUIÇÕES DO GT

A organização através da dinâmica de Grupos de Trabalho (GTs) permite a constante troca de informações e reinvenção do indivíduo enquanto profissional. Inicialmente, pensamos em uma estrutura de apresentação e desenvolvimento do trabalho que possibilitasse a troca de conhecimentos entre os participantes. Essa decisão foi pautada no caráter inovador da pesquisa apresentada e nas variadas realidades profissionais dos indivíduos presentes. Ao longo do processo, no entanto, percebemos que precisaríamos ajustar aquilo que havia sido elaborado previamente a fim de que pudéssemos, através da própria discussão proposta, responder aos questionamentos que surgissem. A constante reelaboração do material e a abertura a questionamentos, consequentemente, contribuíram para a reinvenção de nossas estratégias de trabalho e para o abandono de quaisquer tendências a respostas definitivas sobre a pesquisa.

Diante do quadro exposto, concluímos que a opção por perguntas norteadoras foi positiva e que possibilitou a troca que almejávamos. Nesse sentido, esse tipo de dinâmica torna-se frutífero ao se pensar na arti-

DIANTE DO QUADRO EXPOSTO, CONCLUÍMOS QUE A OPÇÃO POR PERGUNTAS NORTEADORAS FOI POSITIVA E QUE

POSSIBILITOU A TROCA QUE ALMEJÁVAMOS.

NESSE SENTIDO, ESSE TIPO DE DINÂMICA TORNA-SE FRUTÍFERO AO SE PENSAR NA ARTICULAÇÃO DE SABERES ENTRE PROFISSIONAIS DA ÁREA E, MAIS ESPECIFICAMENTE, DO INES, INSTITUIÇÃO ORGANIZADORA DO EVENTO. SOMENTE

ATRAVÉS DA PESQUISA E DA EXPOSIÇÃO DESSAS PESQUISAS, PODE-SE CONHECER O TRABALHO DESENVOLVIDO.

culação de saberes entre profissionais da área e, mais especificamente, do INES, instituição organizadora do evento. Somente através da pesquisa e da exposição dessas pesquisas, pode-se conhecer o trabalho desenvolvido.

O INES é composto por inúmeros profissionais da área, como professores, intérpretes, instrutores, dentre outros, que desenvolvem pesquisas relacionadas à surdez. No entanto, justamente pela diversidade de produções e pelo tamanho do instituto, nem sempre é possível a troca de experiências entre os profissionais. É importante ressaltar que a escola tem proporcionado iniciativas nesse sentido, como realização de palestras mensalmente no Auditório. Fazem parte dessa iniciativa todos os segmentos do INES, da Educação Infantil ao Ensino Superior. Ainda assim, ressaltamos o caráter positivo dos GTs na tentativa de se aumentar a troca de informações e possibilitar maior contato entre profissionais tão diversos quanto às suas experiências.

Quanto ao tema desenvolvido no GT 03, Língua Portuguesa como L2 na Educação Básica, pode-se dizer que as contribuições são imensuráveis. Estabelecemos contato não só com profissionais do instituto, mas também de outras institui-

ções de ensino, muitas, inclusive, com realidades bem diversas das de uma instituição bilíngue como o INES, além de estudantes da graduação e da pós-graduação do DESU. Dessa forma, houve troca entre práticas, saberes e teorias defendidas em variadas esferas.

O tema do trabalho apresentado aborda a aplicação de estratégias de ensino de Língua Estrangeira (LE) e Segunda Língua (L2), utilizadas no ensino de línguas orais no processo de ensino e aprendizagem do português escrito como segunda língua para surdos (PL2S) (LINS, 2011). Trata-se da discussão de uma oficina aplicada a alunos do Ensino Fundamental do INES, nas aulas de Língua Portuguesa como L2. A referida oficina foi detalhadamente descrita e analisada no trabalho de final de curso, intitulado Aplicação de estratégias de ensino de LE/L2 orais ao processo de ensino e aprendizagem do português escrito para surdos (LINS, 2014), entregue ao programa de pós-graduação bilíngue do DESU.

Durante o GT, que pressupõe a leitura anterior do texto enviado previamente aos participantes inscritos, foram discutidas correntes de ensino de segundas línguas, como o Audiolingualismo, a Abordagem Comunicativa e o Pós-

Método. Além disso, foram tratados temas ampla e exaustivamente discutidos na educação de surdos, como o Oralismo, a Comunicação Total e o Bilinguismo. Através da oficina desenvolvida no Ensino Fundamental do INES, foram escolhidas e aplicadas estratégias de ensino de L2 com base no Pós-Método. Em outras palavras, não foram priorizadas estratégias de um único método e/ou abordagem de ensino. No Pós-Método, o professor é livre e precisa ter a sensibilidade para perceber qual estratégia é a mais indicada em determinado momento do processo de ensino e aprendizagem, considerando, principalmente, o público em questão. Desta forma, foi possível atentar amplamente às questões pertinentes às especificidades dos alunos surdos.

A dinâmica do GT possibilitou a troca de informações e a tomada de posição dos participantes frente à pesquisa apresentada. Assim sendo, os mesmos foram capazes de refletir sobre o exposto e transpor o proposto às suas realidades. Professores de escolas inclusivas, por exemplo, puderam considerar, junto com o grupo, a aplicação das estratégias apresentadas em uma realidade que inclui alunos ouvintes e, portanto, usuários de português como L1. Foram considerados pontos

DURANTE O GT, QUE PRESSUPÕE A LEITURA ANTERIOR DO TEXTO ENVIADO PREVIAMENTE AOS PARTICIPANTES INSCRITOS, FORAM DISCUTIDAS CORRENTES DE ENSINO DE SEGUNDAS LÍNGUAS, COMO O AUDIOLINGUALISMO, A ABORDAGEM COMUNICATIVA E O PÓS-MÉTODO. ALÉM DISSO, FORAM TRATADOS TEMAS AMPLA E EXAUSTIVAMENTE DISCUTIDOS NA EDUCAÇÃO DE SURDOS, COMO O ORALISMO, A COMUNICAÇÃO TOTAL E O BILINGUISTO. ATRAVÉS DA OFICINA DESENVOLVIDA NO ENSINO FUNDAMENTAL DO INES, FORAM ESCOLHIDAS E APLICADAS ESTRATÉGIAS DE ENSINO DE L2 COM BASE NO PÓS-MÉTODO.

que poderiam favorecer tanto surdos quanto ouvintes durante as aulas, como a questão do uso das imagens. Neste ponto, tornou-se possível também a articulação com a comunidade acadêmica do próprio INES. Uma das participantes, aluna da pós-graduação em Ensino Bilíngue do instituto, mencionou sua pesquisa de final de curso sobre letramento visual e sua inclusão no trabalho com surdos. De imediato, a reflexão provocou a todos e nós, pesquisadoras, buscamos, mesmo em um curto espaço de tempo, ponderar a questão em materiais desenvolvidos para alunos ouvintes aprendizes de LE/L2 e em nossos próprios materiais para que se pudessem estabelecer novas comparações e reflexões acerca de nossas práticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no exposto durante as discussões, os participantes apontaram como questões imprescindíveis para uma educação bilíngue de qualidade:

1. divulgação da Libras na produção de materiais didáticos;
2. expressividade na LS;
3. aspectos visuais;

DE IMEDIATO, A REFLEXÃO PROVOCOU A TODOS E NÓS, PESQUISADORAS, BUSCAMOS, MESMO EM UM CURTO ESPAÇO DE TEMPO, PONDERAR A QUESTÃO EM MATERIAIS DESENVOLVIDOS PARA ALUNOS OUVINTES APRENDIZES DE LE/L2 E EM NOSSOS PRÓPRIOS MATERIAIS PARA QUE SE PUDESSEM ESTABELECEM NOVAS COMPARAÇÕES E REFLEXÕES ACERCA DE NOSSAS PRÁTICAS.

4. estratégias de ensino de português como segunda língua;
5. gêneros textuais;
6. função comunicativa;
7. aspectos culturais e interacionais;
8. gramática (dedução e indução);
9. avaliação (qualitativa, adequação ao gênero, interlíngua do aluno surdo)
10. letramento visual;
11. uso da imagem como pré-texto;
12. uso da imagem como pretexto;
13. ativação do conhecimento de mundo.

Todos os presentes, quando consultados sobre a importância da discussão, manifestaram-se positivamente e a favor da

inclusão dos pontos acima descritos nas aulas de PL2S. Dessa forma, seria possível avançar ainda mais nas pesquisas e contribuir com a área de forma democrática. ●

REFERÊNCIAS

LINS, D.C. Português como segunda língua para surdos (PL2S): o emprego do pronome relativo "que" em textos acadêmicos. Rio de Janeiro, 2011. Dissertação de mestrado. Departamento de Letras, PUC-Rio.

LINS, D.C. Aplicação de estratégias de ensino de LE/L2 no processo de ensino e aprendizagem do português escrito como segunda língua para surdos (PL2S). Rio de Janeiro, 2014. Trabalho de conclusão de curso. Departamento de Ensino Superior, INES.

DIAGNÓSTICOS AUDIO- LÓGICOS

**ALESSANDRA RABELLO
DE OLIVEIRA LAMENZA**

Audiologista da Divisão de
Audiologia do Instituto
Nacional de Educação de
Surdos (DIAU/INES)

**MARTHA MARCELA
DE MATOS BAZILIO**

Audiologista da Divisão de
Audiologia do Instituto
Nacional de Educação de
Surdos (DIAU/INES)



APRESENTAÇÃO

O Grupo de Trabalho (GT) foi criado com a proposta de discutir os aspectos relevantes do diagnóstico precoce da surdez. O GT foi destinado ao seguinte público-alvo: profissionais de saúde, pais de surdos, educadores e surdos e foi constituído por, aproximadamente, 10 pessoas por dia, além de dois coordenadores e dois consultores. Dentre os presentes, encontravam-se: professores ouvintes, duas professoras surdas e profissionais de saúde, em sua maioria, fonoaudiólogos.

Foram três dias de encontros consecutivos, com duas horas de duração cada, destinados à discussão do tema e apresentação de relatório final no quarto e último dia de congresso.

Inicialmente foi realizada uma exposição dos tópicos mais importantes do texto utilizando como base a “Declaração de Posicionamento do ano de 2007: Princípios e Diretrizes para os programas de Detecção e Intervenção Auditiva Precoces” (GATANU).

Posteriormente, as pessoas foram divididas em dois grupos para debate. Propusemos que debate fosse centrado nas seguintes questões:

- Dificuldades para o diagnóstico precoce da sur-

dez;

- Soluções para o diagnóstico precoce da surdez;
- Estratégias de informações sobre o diagnóstico da surdez.

ARTICULAÇÕES

O número reduzido de participantes propiciou uma maior integração, favorecendo a troca de experiências, principalmente dentro dos grupos. Houve momentos de intensa discussão sobre o tema abordado.

Foi interessante observar que cada indivíduo apresentou seu ponto de vista e suas vivências sobre a questão da surdez, o que enriqueceu o debate e contribuiu para o delineamento das conclusões.

Foi possível constatar que existe uma grande diferença entre o trabalho realizado no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e aqueles disponíveis nos serviços de saúde, tanto públicos quanto privados. Muitos desses serviços não dispõem da infraestrutura / tecnologia necessária para a realização da detecção e intervenção auditiva precoces.

Embora o INES seja considerado um centro de referência na área da surdez, não é viá-

INICIALMENTE FOI REALIZADA UMA EXPOSIÇÃO DOS TÓPICOS MAIS IMPORTANTES DO TEXTO UTILIZANDO COMO BASE A

“DECLARAÇÃO DE POSICIONAMENTO DO ANO DE 2007: PRINCÍPIOS E DIRETRIZES PARA OS PROGRAMAS DE DETECÇÃO E INTERVENÇÃO AUDITIVA PRECOSES” (GATANU).

vel absorver a demanda nacional, no entanto, oferece toda a estrutura de diagnóstico, encaminhamento e orientação ao surdo em todas as suas vertentes.

Ao término das considerações de cada grupo, procurou-se estabelecer as principais ideias que geraram o relatório final.

SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES

O trabalho em formato de GT favoreceu a troca de experiência, o nosso crescimento

**UMA GRANDE
CONTRIBUIÇÃO DO GT FOI
PROPICIAR ARTICULAÇÃO
INTERSETORIAL DO
INSTITUTO, UMA VEZ QUE
APROXIMOU OS
SERVIDORES DE DIVERSAS
ÁREAS NA TENTATIVA DE
BUSCAR SOLUÇÕES E
ESTRATÉGIAS PARA AS
DIFICULDADES
ENCONTRADAS NO
CAMPO DA SURDEZ.**

profissional e pessoal e a valorização do serviço que disponibilizamos.

Embora o INES não esteja subordinado ao Ministério da Saúde, vem absorvendo grande parte dessa demanda com o objetivo de minimizar a quantidade de diagnósticos audiológicos que provavelmente seriam realizados tardiamente.

Uma grande contribuição do GT foi propiciar articulação intersetorial do Instituto, uma vez que aproximou os servidores de diversas áreas na tentativa de buscar soluções e estratégias para as dificuldades encontradas no campo da surdez.

Conhecer realidades externas permitiu repensar nossa rotina de trabalho e avaliar a necessidade de novas adaptações.

Nosso grupo de trabalho, especificamente, procurou definir estratégias de ação que incentivem o diagnóstico e a intervenção auditiva precoces, buscando soluções para disseminar conhecimento e informação para a população de uma forma geral.

CONCLUSÕES

No último encontro, o grupo definiu as principais difi-

culdades e possíveis estratégias para que o diagnóstico da surdez ocorra.

Dentre as dificuldades foram listadas:

- Falta de informação dos profissionais e da sociedade;
- Desconhecimento dos profissionais de saúde sobre as verdadeiras necessidades da pessoa surda;
- Falta de serviço e de profissionais nos hospitais e maternidades para realizarem a Triagem Auditiva Neonatal nos recém-nascidos;
- Falta de políticas públicas que garantam o efetivo cumprimento da legislação para o diagnóstico e intervenção precoces;
- Pouca ou nenhuma presença de profissionais de saúde oferecendo atenção às alterações de comportamento relatadas pela família, retardando o encaminhamento para a avaliação auditiva.

Ao pensarmos em soluções / estratégias para essas questões, julgou-se que seria válido:

- Após o diagnóstico, encaminhar a família para profissionais que entendam tanto do universo clínico quanto socioantropológico do sujeito surdo;
- Oferecer à família suporte e orientações sobre todas as vertentes de acompanhamento para o desenvolvimento linguístico da criança surda.
- Divulgar na mídia a existência e necessidade da Triagem Auditiva Neonatal;
- Formar profissionais de saúde considerando a importância e o objetivo do diagnóstico precoce;
- Divulgar relatos de surdos bem-sucedidos, para exemplo e sensibilização;
- Rever o currículo acadêmico dos profissionais de saúde para o conhecimento da Libras, surdez, cultura e identidade surda.

Concluimos que este formato de trabalho foi benéfico para abrir um espaço democrático de discussão, onde todos puderam se posicionar e conhecer diferentes olhares sobre a surdez. ●

OS CENTROS DE APOIO À PESSOA SURDA (CAS) EM NOSSO PAÍS

**ISABELLE FLOR DE
OLIVEIRA NOGEIRA**

Chefe da Divisão de Cooperação
Técnica do Instituto Nacional de
Educação de Surdos
(DICTE/INES)

**GABRIELA
RIZO**

Diretora Departamento de
Desenvolvimento Humano, Científico e
Tecnológico do INES (DDHCT/INES).
Doutora em Psicologia Social pela UERJ.



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Durante o Congresso do INES e Seminário Nacional do INES houve uma reunião entre o INES e coordenadores dos Centros de Atendimento à Pessoa Surda (CAS) do Brasil, motivada pelo princípio de que o Instituto deve ser uma instituição propulsora de diálogos de atores institucionais brasileiros, promovendo a cooperação, prevista como essencial entre os entes federados. Em seu Plano de Desenvolvimento Institucional, o INES objetiva “construir e institucionalizar uma agenda de relações institucionais de âmbito local, regional, nacional e internacional (PDI, INES, 2014)”.

Dentre suas metas, portanto, temos a necessidade de realizar um mapeamento das instituições de âmbitos local, regional e nacional com as quais o INES poderá criar e manter laços de intercâmbio e colaboração, bem como definir parâmetros de ações relacionados às referidas instituições. Nesse propósito, o GT08 do Congresso Internacional e Seminário Nacional do INES apresentou-se da seguinte forma:

- Um grupo de trabalho para coordenadores de CAS no país, sendo, portanto, um grupo fechado. Contou-se com a presença de repre-

A EXPERIÊNCIA JUNTO AOS PARTICIPANTES

DEMONSTROU A ENORME NECESSIDADE DE ESPAÇOS PARA QUE OS CAS TENHAM INTERAÇÃO COLETIVA.

NO PAÍS, SEU TRABALHO SE APRESENTA EM NÍVEIS DISTINTOS, DE ACORDO COM O APOIO QUE RECEBEM DAS UNIDADES FEDERADAS ÀS QUAIS SÃO LIGADOS.

sentantes de 18 CAS, de 15 estados, perpassando as 05 regiões do país;

- Criação de subgrupos distribuídos por região;
- Organização dos textos produzidos por cada subgrupo após o levantamento dos temas, que depois foram unificados aos demais grupos.


Para a discussão, foram estabelecidos focos temáticos e procedimentos, em um cronograma para os três dias do encontro. No primeiro dia, houve uma discussão motivadora para os dias seguintes, cujo eixo era: Qual a função dos CAS?

No segundo dia, após várias percepções recolhidas no dia anterior, iniciou-se a escrita

do texto a ser apresentado, objetivando analisar mais concretamente a situação atual dos CAS de todo o país. Isso se deu de acordo com os tópicos levantados em torno do binômio qualidades/carências. Esse debate foi revisitado no terceiro dia, visando construir e institucionalizar uma agenda de relações entre o INES e os CAS, com propostas de planos a serem implementados em parceria, prevendo a atuação do INES e dos CAS como agentes multiplicadores de políticas elaboradas conjuntamente e realizadas em locais específicos. Evidentemente, tais tópicos foram objeto de nossa apresentação no último dia do Congresso/Seminário.

ARTICULAÇÕES

A experiência junto aos participantes demonstrou a enorme necessidade de espaços para que os CAS tenham interação coletiva. No país, seu trabalho se apresenta em níveis distintos, de acordo com o apoio que recebem das unidades federadas às quais são ligados. Ou seja, as atividades desenvolvidas por esses centros são direcionadas a pessoas físicas e instituições de educação e saúde e são organizadas em torno de quatro eixos (orientações escolares; orientações de saúde; inter-relações entre instituições



**QUEM
ESTÁ
REFLETINDO
SOBRE A
SURDEZ NO
BRASIL?**

e distribuição de material informativo). Podem variar em amplitude, infraestrutura e financiamento, de acordo com o prestígio do CAS no governo de estado atual ou município no qual está situado. Essa situação nos possibilita verificar dois aspectos em que o INES pode intervir para a melhora das unidades funcionais: formação em parcerias entre o INES e os próprios CAS ou suporte para formações inter-CAS, contribuindo, assim, para a homogeneização do trabalho em todo o país.

Nesse contexto, portanto, nasceram as ideias para compor novas possibilidades de trabalho conjunto entre INES e CAS, cujos princípios circularam em torno da construção e institucionalização de uma agenda de relações, além da proposta de dinamizar as capacitações oferecidas pelo INES, em nível nacional, contando com os CAS como agentes multiplicadores. Tais propostas são essenciais, embora o fomento da importância desses centros junto a seus governos seja condição sine qua non para o aumento qualitativo de sua atuação regional. Assim, o trabalho em GT nos trouxe a grande oportunidade de uma articulação nacional para que isso ocorra.

O estabelecimento dos princípios acima citados não poderia ocorrer se o relatório

não estivesse baseado no diagnóstico amplo oferecido pelas reflexões múltiplas e condições contextuais de cada centro, debatidas no GT. Isso nos permitiu gerar um panorama de experiências bem-sucedidas em nível estadual e regional, assim como das principais carências enfrentadas por diferentes CAS. Poderíamos dizer que nosso relatório final se estabeleceu em torno da busca de proposta para homogeneizar ou, pelo menos, trazer um parâmetro médio nacional para as ações dos CAS. Como INES, verificamos nossa responsabilidade, enquanto órgão do MEC, com relação à responsabilidade de manter os canais de diálogos entre os CAS, bem como dar suporte as suas relações com suas Secretarias. Tais atos, por si só, já seriam intervenções importantes da esfera federal na criação de parâmetros nacionais para seu funcionamento.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A DINÂMICA

Tendo em vista a contextualização anterior, como profissionais do Instituto Nacional de Educação de Surdos, sentimos chamados ao trabalho democrático e plural a partir da dinâmica ocorrida em

nosso GT. A presença de coordenadores de CAS das diversas partes do país nos demonstrou grande lacuna com relação às políticas públicas consistentes para o trabalho desses centros. Isso ocorre, sobretudo, em virtude da inexistência de regras claramente estabelecidas em nível nacional para a estruturação dos CAS, sendo que alguns não possuem nem estatutos publicados em seu diário oficial regional para institucionalizar suas ações. Nesse sentido, o INES e seus profissionais, situados no âmbito federal, podem ser de grande importância na construção de caminhos que articulem os CAS entre si, suas respectivas secretarias de educação e, no âmbito federal, na construção de parcerias de trabalho consistentes. Ou seja, o INES deve se tornar o grande articulador de pensamento entre diversos atores, em prol do fomento e da consolidação de políticas públicas da área da surdez.

Entretanto, INES deve atuar não só entre esses atores institucionalizados em Secretarias de Educação. A experiência democrática do GT demonstra que deve ser dada cada vez mais voz aos CAS e também à sociedade civil. Um dado importante nas discussões com os CAS foi que, ainda que alguns não tenham suporte de

suas Secretarias Estaduais de Educação - SEEs, uma grande parte deles possui laços com a sociedade civil, com associações ou outras instituições fora do eixo governamental, parcerias nos trabalhos com as políticas para a surdez, com as quais suas metas podem ser compartilhadas. Como INES, através de tal dado, podemos nos colocar a seguinte questão: quem está refletindo sobre a surdez no Brasil? Que atores, além dos CAS, podem ser nossos parceiros na criação de uma grande rede em favor de políticas públicas essenciais para os surdos e a surdez no Brasil? No âmbito das discussões do GT, descobrimos atores estabelecidos governamentalmente e novos grupos para diálogos possíveis.

Além de associações e outros grupos da sociedade civil, organizados em torno da temática da surdez, a emergência de um GT reflexivo nasce também com a apropriação do pensamento acadêmico. Experiências de atores sociais que estão cotidianamente inseridos nas ações práticas junto a surdos no país, em conjunto com estúdios sobre o tema da surdez, são um par de grande relevância para a construção de novos debates centrais para GTs, presenciais ou virtuais, aos quais o INES pode dar corpo, na busca de um pensamento cada

vez mais nacional em torno de nosso objeto geral: a surdez.

As temáticas levantadas no GT do CAS, ocorrido entre 26 e 30 de outubro de 2015, podem ser objetos específicos de novos grupos de discussão que motivem uma agenda de políticas públicas para o universo que atendemos. Em nosso relatório final, foram apontadas as temáticas mais pertinentes a serem tocadas pelas ações do INES, em torno de uma agenda nacional. Os temas são, principalmente,

- Institucionalização: como ficam os CAS e suas regulamentações diante de suas SEEs e do Governo Federal? Como são portariados seus coordenadores e que normativos os regem? Esta é uma discussão de porte nacional e que ainda não foi aprofundada.
- A LIBRAS: como estão os cursos no país? Seus currículos são semelhantes? Que carga horária e programas mínimos devem ser implantados? E a certificação? Qual a legitimidade dos diversos certificados emitidos nos países, inclusive pelos CAS?

- Que parcerias entre INES, CAS e Universidades/Centros de Estudos devem ser feitas para fomento qualitativo para criação, reprodução e distribuição de materiais para capacitação e informação?
- Além da LIBRAS, que outros módulos de capacitação e formação continuada nas diversas áreas da surdez devem ser desenvolvidos para aqueles que já trabalham com surdos e com a surdez?
- Quais as melhores estratégias para a divulgação de experiências bem-sucedidas, trabalhos de especialistas, elaboração de formações regionais e parcerias inter-regionais?

Todos esses temas são objetos de discussões amplas, que conduzem a passos essenciais para a melhora das políticas nacionais, às quais o INES responde em seu trabalho. São, portanto, objetos de novos GTs. O trabalho ora apresentado foi somente um passo na direção de ampliar os atores no círculo cotidiano de relações do INES, que deve crescer ainda mais na

direção da democracia participativa. Porém, sabemos quanto trabalho e dedicação devem ser aplicados na construção consistente de canais para que esse crescimento de vozes e de novos GTs ocorram. É responsabilidade dos profissionais do INES essa estruturação, sobretudo do setor de cooperação técnica. Por outro lado, sabemos que, sem uma grande rede de articulações, dedicação e trabalho, não haverá evolução, dadas as dimensões de nosso país. Por fim, o grupo de trabalho nos demonstra que sua dimensão participativa é incontornável para o desenvolvimento de um trabalho de qualidade, já que as características brasileiras nos levam à essencial mútua ajuda para a realização qualitativa de ações de porte nacional.

CONCLUSÕES

Diante da parceria incontornável, finalizamos este pequeno relato, destacando que a experiência aqui narrada demonstra que, se de um lado, o INES tem um trabalho a realizar, de outro, os CAS também o têm.

Ambas as partes, INES e CAS, estavam ansiosas para se colocarem no GT, de modo a buscar soluções para políticas brasileiras não tão estáveis como nós, enquanto cidadãos, gostaríamos que fossem. Por outro lado, como atores que trabalham dentro do sistema público, acreditamos que há uma circularidade de nossas ações como funcionários e como cidadãos. Circularidade esta que se revela no aumento qualitativo das políticas sociais de nosso país, se conseguirmos dialogar e trabalhar bem dentro das instituições públicas. Foi essa a esperança encontrada por todos, em meio à discussão de nosso GT. Ainda que todos os presentes soubessem o quão pequena pode parecer sua intervenção na construção e prática de uma política pública, todos demonstraram comprometimento com o trabalho em prol do apoio à pessoa surda. A busca

foi pelo distanciamento de um sistema público inoperante e burocrático (em um sentido de uma burocracia entravante) e em prol de um sistema de ações dinâmico, com um trabalho enérgico, veiculado por pessoas

comprometidas com sua atuação profissional.

A impossibilidade de que ações de tal monta continuem isoladas ocorre justamente pela necessária melhora de práticas para a concretização de um sistema nacional dinâmico. A gestão democrática, junto à democracia participativa, pressupõe que todas as agências governamentais estejam interligadas, ainda que em instâncias subjetivas. Isso deve favorecer a melhoria na troca de saberes e a consolidação de práticas de sucesso, dando destaque àqueles que encaminham soluções eficazes para os problemas de nosso país em quaisquer áreas. A área da surdez não escapa a esse princípio. Portanto, o INES tem como responsabilidade o fomento da cooperação e a busca de estratégias para que, conjuntamente, não deixemos que a criatividade em soluções quanto às temáticas da surdez que ocorrem em nosso país escapem de nossas mãos. Ao contrário, dentro de nosso caráter de abrangência nacional, devemos incorporá-las e divulgá-las, de modo a beneficiar a todos. ●

**PARA CONHECER MAIS
SOBRE OS CAS ACESSE**



<http://www.ines.gov.br/ines-e-cas-apresentacao>

FLUXO

A BRINCADEIRA

ESTÁ NO AR

O USO DE HISTÓRIAS

INFANTIS COMO

FERRAMENTA CRIATIVA


NAS AULAS DE ARTES

VISUAIS COM

ALUNOS SURDOS

The background features a maroon field with large, irregular yellow shapes that resemble brushstrokes or abstract forms. The text 'CON TI NUO' is overlaid in white, bold, sans-serif font.

CON TI NUO



O uso de histórias infantis como ferramenta criativa nas aulas de artes visuais com alunos surdos:

uma experiência em educação ambiental

ALINE VARGES

Mestranda do Programa de Pós-graduação
Profissional em Diversidade e Inclusão –
Universidade Federal Fluminense (UFF).

JULIETE VIANA

Aluna do Curso de Turismo – Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro(UFRRJ).

NOEMI HOROWICZ

Mestranda do Programa de Pós-graduação
Profissional em Diversidade e Inclusão –
Universidade Federal Fluminense (UFF).

RICARDO MALHEIROS

Mestrando do Programa de Pós-
graduação Profissional em Diversidade e
Inclusão – Universidade Federal
Fluminense (UFF).

RUTH MARIANI

Mestranda do Programa de Pós-graduação
Profissional em Diversidade e –
Universidade Federal Fluminense (UFF).

SANDRO PORTELLA

Aluno do Curso de Especialização em
Educação de Surdos – Instituto Nacional
de Educação de Surdos (INES).

STELLA MANES

Aluna do Curso de Ciências Biológicas –
Universidade Federal Fluminense (UFF).

RESUMO

A escola dos cidadãos deve ser aquela que constrói uma comunidade cooperativa, necessitando estar tolerante à diversidade, e demanda uma pedagogia voltada ao respeito das diferenças e ao intercâmbio contínuo entre professores e educandos, visando à sustentabilidade. A prática nas aulas de Artes Visuais, trabalhando as histórias infantis e os contos de fadas é importante para o desenvolvimento de um futuro leitor. A partir do "Era Uma Vez..." o aluno se transporta para um mundo da fantasia, onde a imaginação e a criatividade se encontram e se confluem, fazendo com que a "magia" da história domine o momento de aprendizagem. Os alunos surdos têm a Língua Brasileira de Sinais como sua primeira língua e, por esse motivo, necessitam que tais contos sejam adaptados à sua língua para que assimilem o conteúdo transmitido. Assim, este artigo busca relatar uma experiência realizada em uma sala de Artes, do Instituto Nacional de Educação de Surdos, com a participação de alunos de três turmas distintas do primeiro ano do Ensino Fundamental da Educação Básica. Neste projeto, descrevemos a importância dos livros infantis e dos contos de fadas para esses alunos, possibilitando a divulgação da Literatura Surda, a fim de fazer comparações entre esta e a literatura adaptada, percebendo, assim, suas diferenças. A metodologia utilizada foi pesquisa-ação crítica, considerando as ações dos participantes, sua perspectiva, seu sentido, mas não apenas para registro e posterior interpretação do pesquisador, como também o crescimento individual dos alunos, por meio da construção dos fantoches e suas casinhas com materiais reaproveitados: visando à Educação Ambiental. Encontramos como resultado a elaboração de várias histórias contadas de formas diferentes e vários brinquedos. Criativamente, encontramos novas respostas para desafios que passamos a perceber, reconhecer e utilizar, assim, a prática visando à sustentabilidade.

INTRODUÇÃO

A escola de hoje deve viabilizar a democracia, a ética, a autonomia e a emancipação, visando a um projeto humanista e solidário, com planejamento participativo, estratégias de qualidade com todos e para todos.

As adaptações de pequeno porte realizadas pelos professores, as tecnologias assistivas, a comunicação através da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) são práticas que já estão previstas no atendimento especializado ao surdo em qualquer disciplina, respeitando sempre as singularidades linguísticas dessa população. Assim sendo, com a Literatura e as aulas de Artes não poderia ser diferente.

Optamos por trabalhar as histórias infantis e os contos de fadas, importantes para o desenvolvimento de um futuro leitor, sejam as crianças surdas ou ouvintes. A partir do "Era Uma Vez...", o aluno se transporta para um mundo da fantasia, onde a imaginação e a criatividade se encontram, fazendo com que a magia da história domine esse momento. Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs),

para tornar os alunos bons leitores e para desenvolver muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura, a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler (e também ler para aprender) requer esforço. (PCNs, 1997).

O livro infantil é a base para formarmos adultos leitores, capazes de despertar a imaginação e a criatividade, além de transmitir saber e conhecimento, como está citado no texto abaixo:

A Literatura infantil é, antes de tudo, literatura, ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização (CAGNETI, 1996, p.7).

A literatura surda teve sua base em

alguns países da Europa e principalmente nos Estados Unidos, na Universidade de Gallaudet, em Washington D.C. Os professores, alunos, acadêmicos e pesquisadores dessa universidade apontavam características e costumes dos indivíduos surdos, tornando-os pessoas atuantes e percebidas enquanto cidadãos respeitados pela sociedade. Assim, a Literatura Surda aos poucos foi difundida para outras cidades, comunidades e associações.

No Brasil, Karnopp e Hessel (2014) mencionam que os livros publicados contando as histórias infantis perpetuam as relações sociais de poder de uma sociedade, onde estariam enfatizando as relações de preconceito. Entretanto, houve uma ampliação nos referenciais produzidos na década de 2000, quando vários autores e atores surdos fazem as adaptações em LIBRAS: Pimenta (2006); Machado (2005); Karnopp e Hessel (2009); e Rosa (2006) realizaram a tradução de textos clássicos para a LIBRAS ou apresentaram histórias de surdos em vídeo. Ocorreram mudanças nos materiais impressos: atualmente, eles são diversificados em relação aos objetivos, pois abordam temas relacionados à vida dos surdos, como também histórias clássicas da Literatura e a maioria dos livros já contam com a participação deles como autores/ilustradores, além da tradução.

Sabe-se que os alunos precisam dominar sua língua materna para, logo após, começarem a aprender os conteúdos de outras disciplinas. Só que, no caso do surdo, sua primeira língua é a língua de sinais, sendo o português a sua segunda língua. A língua de comunicação visoespacial é denominada LIBRAS e é através

dela que a maioria dos surdos estabelece a sua comunicação e a sua aprendizagem. Visto isso, perguntamo-nos: Como podemos apresentar o mundo da fantasia, com seus detalhes de imaginação à criança se não for através da sua língua?

O ensino através da perspectiva das Artes proporciona diálogos e atividades interdisciplinares e transdisciplinares, potencializando o aprendizado dos alunos, terreno onde sua contribuição é fundamental e indispensável, proporcionando uma aprendizagem ativa e questionadora. Através das Artes Visuais, os alunos envolvidos em processos de criação direta ou indiretamente desenvolvem capacidades interpessoais e intrapessoais, estimulam a criatividade e o raciocínio coerente. Eles passam a ser mais curiosos e adaptáveis às mudanças, têm menos medo de correr riscos, maior capacidade de visão e previsão. Também se desenvolvem no terreno lúdico e interagem, justificando mais suas opiniões com maior visão crítica, e têm tendências a aprender mais com seus erros (ECA, 2010).

De acordo com o Roteiro para a Educação Artística, desenvolvido pela UNESCO após a Conferência Mundial sobre Educação Artística (2006), a Arte exalta o potencial criativo pré-existente em todos os seres humanos. A imaginação, criatividade, inovação e solução de problemas são estimuladas diretamente pela prática da atividade artística e lúdica - fatores importantíssimos na geração e administração de ideias e tomada de decisões. Sendo assim, as Artes Visuais têm um papel importante na atualidade e para a sociedade do século XXI, contribuindo para uma educação que exalta rela-

ções mais dinâmicas e com bons resultados, embasados na cooperação, ao invés da competição, e na integração de conhecimentos científicos e criativos.

Cada vez mais se faz presente o discurso do desenvolvimento sustentável, que pode ser definido como ações voltadas para a sustentabilidade que procurem satisfazer as necessidades atuais sem que a capacidade das gerações futuras de fazer o mesmo seja comprometida, ou seja, planejar as atitudes no presente para que haja preservação do planeta e seus recursos naturais, de modo que eles continuem existindo no futuro e contemplem o desenvolvimento das próximas gerações, sem haver diminuição na qualidade de vida nem do agora e nem nas próximas gerações (ECA, 2010).

Nesse contexto, as atitudes do presente devem ser inovadoras para que os impactos do modelo de desenvolvimento atual diminuam ou desapareçam, e a criatividade, segundo as Conclusões do Conselho e dos Representantes dos Governos dos Estados-Membros da União Europeia, na sua nota sobre a promoção da criatividade e inovação através da educação e formação, se mostre como

a principal fonte de inovação, (...) fator fundamental para melhorias no domínio social e instrumento essencial para enfrentar desafios globais como as alterações climáticas e o desenvolvimento sustentável” (JORNAL OFICIAL DA UNIÃO EUROPEIA, 2008).

Os fundamentos da Educação Ambiental são interdisciplinares, com o objetivo de formar a consciência dos

cidadãos de maneira que eles possam adotar comportamentos ambientalmente adequados e percebam a necessidade da conservação dos recursos naturais e do meio ambiente como um todo, incluindo as áreas urbanas e,consequentemente, a preservação do ambiente para a sua própria sobrevivência. A Educação Ambiental pretende modificar e reformar a estratégia de ação visando à melhoria na qualidade de vida com redução dos impactos humanos no meio ambiente, valorizando a vida e contribuindo para a cidadania da população. Sendo assim, como a teoria deve ser transformada em ação, é nessa perspectiva que este trabalho se caracterizou também como uma ação de educação ambiental (PELICIONI, 1998).

Neste trabalho foi desenvolvida uma ação de reutilização de materiais recicláveis para a produção artística baseada em uma história infantil. A história escolhida foi “Os três porquinhos”, fábula cujos personagens são animais, chamando a atenção da faixa etária envolvida no projeto. Esta obra foi escrita por Joseph Jacobs no século XVII, época em que os contos eram apenas contados oralmente. A obra obteve sucesso por conter uma linguagem clara e direcionada para o público infantil.

Este artigo relata uma experiência realizada em uma sala de Artes no INES, que teve como objetivo mostrar aos alunos diferentes maneiras de contar a mesma história, priorizando o conhecimento da literatura surda. A atividade plástica proposta foi a construção fantoches e suas casinhas com materiais reaproveitados, visando à Educação Ambiental.

A ARTE EXALTA O POTENC
EM TODOS OS

A IMAGINAÇÃO, CRIATIVIDADE, I
SÃO ESTIMULADAS DIRETAMENTE

ARTÍSTICA

- FATORES IMPORTAN
E ADMINISTRAÇ

E TOMADA DE DECI

AS ARTES VISUAI
IMPORTANTE NA AT
SOCIEDADE DO

CONTRIBUINDO PARA UMA EDUCAÇÃO QUE
BONS RESULTADOS, EMBASADOS NA COOP

INTEGRAÇÃO DE CONHEC
C R I A T

IAL CRIATIVO PRÉ-EXISTENTE
SERES HUMANOS.

NOVAÇÃO E SOLUÇÃO DE PROBLEMAS
PELA PRÁTICA DA ATIVIDADE

E LÚDICA

TÍSSIMOS NA GERAÇÃO
ÃO DE IDEIAS
SÕES. SENDO ASSIM,

S TÊM UM PAPEL
QUALIDADE E PARA A
SÉCULO XXI,

EXALTA RELAÇÕES MAIS DINÂMICAS E COM
ERAÇÃO, AO INVÉS DA COMPETIÇÃO, E NA
IMENTOS CIENTÍFICOS E
I V O S .

METODOLOGIA

O projeto foi desenvolvido com três turmas de primeiro ano do Ensino Fundamental I, atendendo alunos na faixa etária entre 6 e 10 anos.

Foram utilizados quatro recursos com a finalidade de levar o aluno a identificar e reconhecer a literatura surda a partir da vivência das diferentes formas de se contar o mesmo conto:

- Apresentação através de um livro infantil, com ilustrações definidas e coloridas, com o relato da história em LIBRAS pela professora;

- Versão em filme apresentada em DVD, fornecido pelo INES. Esse material apresenta a tradução da história para a LIBRAS, dramatizada por surdos que se comunicam em LIBRAS entre si e com o público; disponível em

(https://youtu.be/FH8Kv_lgqq0);

- Apresentação do conto da Disney, desenho animado produzido em 1933, escolhido por não conter partes faladas. Não utiliza LIBRAS, apenas a comunicação por gestos e ações. Disponível em:

(<https://youtu.be/kL5EjA2xu3k>);

- Versão da Literatura Surda “Os Três Porquinhos Surdos”, em vídeo. Conto pertencente à Literatura Surda, contada em LIBRAS. Durante a história, os personagens se comunicam em LIBRAS e o Lobo Mau derruba as casas apenas com o movimento das mãos, substituindo a força do sopro pelo poder das mãos, instrumento de comunicação dos surdos. Disponível em:

(https://youtu.be/VvD1zKqU_6c).

Ao finalizar cada apresentação, foi solicitado que os alunos recontassem a história em LIBRAS por dramatização ou utilizando fantoches, visando a observar o que cada aluno compreendeu a respeito da história contada.

A seguir, veremos os resultados encontrados e a análise dos mesmos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os alunos foram capazes de perceber pontos divergentes entre os diferentes recursos utilizados para contar a história, envolveram-se e participaram, com interesse, de todas as atividades pro-



Figura 1 – Cenário da história criado com o recurso da dobradura e desenhos.



Figura 2 – Imagem das casinhas confeccionadas com caixa de leite, papel corrugado e palitos de sorvete.



Figura 3 – Material utilizado para a confecção das casinhas



Figura 4 – Alunos pintando as caixas de leite para montar as casinhas.



Figura 5 – Aluno cortando papel corrugado.



Figura 6 – Aluno colando papel corrugado.

postas, utilizando os diferentes recursos. Os alunos surdos demonstraram maior envolvimento e identificação com a história contada através da Literatura Surda.

O ambiente da sala de Artes propiciou o desenvolvimento da criatividade e imaginação, tornando possível a realização de trabalhos com envolvimento e dedicação. Foi através de produções artísticas, como desenho, dobradura, pintura e construção com sucata, que os alunos surdos registraram suas interpretações a respeito da história trabalhada. O cenário da história foi organizado pelos alunos com o recurso da dobradura e com canetas hidrográficas, lápis de cor ou de cera, para que, assim, pudessem aprimorar a coordenação motora fina ao procurarem colorir seu desenho (FIGURA 1). As casinhas dos personagens da história foram criadas com o material reutilizado (FIGURA 2). Esse material está mostrado na FIGURA 3.

Para enriquecer a parte criativa do projeto, as casinhas foram confeccionadas com caixa de leite Tetra Pak higienizadas, para guardar os fantoches de dedo dos personagens da história. Cada criança pintou uma caixa com um produto especial branco não-tóxico, preparando, assim, a caixa para receber a tinta plástica marrom, como ilustrado na FIGURA 4. Cada aluno confeccionou a

sua casinha, utilizando o papel corrugado, palitos de sorvete coloridos, tesoura e cola, através da atividade de recorte e colagem, como ilustrado nas FIGURAS 5 e 6.

A sociedade atual é baseada no sistema de consumo excessivo e produção quase que imediata de grandes quantidades de resíduos, especialmente de embalagens (PELICIONI, 1998). É necessário que a sociedade tenha consciência e tome responsabilidade do destino desse lixo que é cada vez mais produzido, seja pela reciclagem ou pela reutilização do material que seria descartado. Sob o olhar das Artes Visuais, é possível propor novas utilizações para a popularmente conhecida “sucata”, utilizando os restos de materiais para trabalhos, fazendo-os ganhar novos significados nas mãos de artistas. A reutilização de material é uma atitude sustentável embasada na conscientização de que é possível criar novas funções a partir de restos antes considerados inúteis, sendo necessário apenas um espírito lúdico propulsor. A sucata, assim, retoma

o sentido ecológico deste material, pois estaremos, a todo o momento, atentos a um meio ambiente em transformação, rico de possibilidades, direcionando nosso olhar para objetos e materiais que eram antes insignificantes e inúteis.” (MELO et al, 2007).

As aulas de Artes Visuais podem contribuir para a formação ideológica e o pensamento individual dos alunos e atores, possibilitando atitudes mais corretas e de responsabilidade social para o convívio em sociedade. A arte auxilia a formação de um futuro mais sustentável pela promoção da criatividade e pensamento crítico, embasados na inovação e solução de problemas pessoais, ambientais ou sociais. O professor em geral e, mais especificamente, o professor de Artes cria um campo de transformação, possibilitando que o aluno se coloque em uma posição ativa perante os problemas atuais, tornando-se cidadão mais solidário e crítico. Os problemas atuais requerem grandes mudanças sociais, políticas e econômicas e o envolvimento ativo de todos, mas, para que isso ocorra, é necessária uma mudança no pensamento e formação dos jovens alunos em uma cultura emancipadora (ECA, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola que defendemos deve ser um espaço de cultura como um palco do espetáculo da vida, com um currículo flexível e acessível a todos. Pressupõe uma oferta de espaços equipados e com serviços de qualidade, como descritos por nós. A prática aqui descrita contribuirá para que os alunos entendam que a Educação Ambiental e a sustentabilidade podem ser realizadas onde todos se sintam incluídos e tenham uma melhoria na sua qualidade de vida. As nossas práticas não são inovadoras, mas retratam uma

prática transformadora para os alunos surdos. ●

REFERÊNCIAS

EÇA, T. T. P. (2010) Educação através da arte para um futuro sustentável. *Cadernos cedec* 30 (80), p. 13-25.

EDUCAÇÃO DE SURDOS – 4 Contando histórias em LIBRAS: Clássicos da Literatura Mundial: Patinho Feio, Os Três Ursos, Cinderela, João e Maria, A Bela Adormecida. Disponível em: https://youtu.be/FH8Kv_lgqq0. Acesso: 15/07/15.

MACHADO, F. C. Problematizando as normalidades nos discursos da surdez. Relatório de Prática de Ensino em Audiocomunicação II. Universidade Federal de Santa Maria, 2005.

MELO, M. F. A. Q.; Silva, M. A.; Albuquerque, E. P. T.; Ramos, L. T. M.; Gonçalves, D. E. S.; Oliveira, M.H.; (2007) Sucata vira brinquedo: Tradução a partir de restos. *Psicologia & Sociedade*; 19 (2), p. 114-121.

MIRANDA, G. C. (2007) sucata vira brinquedo: Tradução a partir de restos. *Psicologia & Sociedade*; 19 (2), p. 114-121.

MOURÃO, C.H.N. (2011). Literatura Surda: produções culturais de surdos em língua de sinais. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/32311>. Acessado: 20/07/2015.

PARA O DESENVOLVIMENTO, Coerência das Políticas. Conclusões do Conselho e dos Representantes dos Governos dos Estados-membros, reunidos no Conselho (2007). Bruxelas: Conselho da União Europeia.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: LÍNGUA PORTUGUESA (1ª a 4ª série), Brasília, 1997.

PIMENTA, N. e QUADROS, R. N. Curso de Libras 1, 1a Ed. Rio de Janeiro: LSB Video, 2006. Vol. 1, p. 1 - 4

PELICIONI, M. C. F. (1998). Educação ambiental, qualidade de vida e sustentabilidade. *Saúde e Sociedade* 7 (2), p. 19-31.

ROSA, F; KARNOPP, L. (2005) Adão e Eva. Canoas: ULBRA.

ROSA, F; KARNOPP, L. (2005) Patinho Surdo. Canoas: ULBRA.

SANTORO, B. M. R., Contando histórias, programando o ensino: a literatura infantil na pré-escola com alunos surdos. 1994. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1994.

SILVEIRA, C. H. & KARNOPP, L. B. (2014) Literatura surda: análise introdutória de poemas em LIBRAS. *Nonada Letras em Revista*, v. 2, n. 21.

TRADUÇÃO: FRANCISCO AGAREZ, Roteiro para a Educação Artística: Desenvolver as Capacidades Criativas para o Século XXI. Comissão Nacional da UNESCO. Lisboa, Portugal, 2006, p. 6.


www.ines.gov.br/coines

COINES



**CONGRESSO
INTERNACIONAL
E SEMINÁRIO
NACIONAL
DO INES**





A BRINCA- DEIRA ESTÁ NO AR

ELIANE DO NASCIMENTO GOUVÊA

Professora de Artes / INES. Mestre em Ensino da Saúde e do Ambiente (UNIPLI/RJ).

JOSÉ MARIA P. DOMINGUES

Professor de Artes / INES. Pós-Graduado em Ensino da Arte (UVA/RJ).

LUCIA MARIA FONSECA TENÓRIO

Professora de Educação Física / INES. Especializada em Deficiência da Audição (INES). Pós-graduada em Educação Psicomotora (IBMR). Mestre em Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente (UNIPLI).

MURILO CASTELLO BRANCO

Professor de Educação Física / INE e da Rede Municipal do Rio de Janeiro. Pós-Graduado em Educação Técnica Desportiva (UFRJ). Mestre em Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente (UNIPLI/RJ).

NOEMI BENEQUES HOROWICZ

Professora de Artes / INES. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Diversidade e Inclusão (UFF/RJ).

NORMA DA SILVA CHAVES

Professora de Educação Física / INES. Professora da Rede Municipal do Rio de Janeiro. Professor Especializado na área da Deficiência da Audição (INES/RJ). Pós-Graduada em Educação Especial (IBMR).

RESUMO

Este artigo apresenta o projeto "A BRINCADEIRA ESTÁ NO AR", realizado no ano de 2013, que surgiu do desejo dos professores do SEFA (Serviço de Educação Física e Artística), do INES, de proporcionar a seus alunos momentos de ludicidade e reflexão sobre a preservação e cuidados para com o meio ambiente. Tal projeto foi desenvolvido com as turmas do 1º Segmento do Serviço de Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) do CAP/INES, e as atividades foram realizadas nas salas do Núcleo de Arte e no pátio interno-A do Instituto Nacional de Educação de Surdos. O principal objetivo foi resgatar brinquedos e brincadeiras folclóricas juntamente com o despertar para o cuidado e preservação do meio ambiente. Não podemos deixar de destacar, também, a oportunidade de integração dos conteúdos e saberes das disciplinas de Artes e Educação Física, bem como a interação dos alunos das diferentes turmas do CAP/INES, através das diversas atividades lúdicas possibilitadas pelos brinquedos.

INTRODUÇÃO

A brincadeira é um momento único na vida da maioria das crianças: pique-pega, pique-esconde, corda, bola de gude, pipa, futebol, queimado, bolinha de sabão e tantas outras! Através delas, as crianças têm a possibilidade de vivenciar experiências importantes para sua formação, como saber ganhar/ perder, respeitar o próximo e prestar solidariedade. Contribui também para o despertar da criatividade e iniciativa, no desenvolvimento das habilidades psicomotoras e das qualidades físicas, dentre elas o equilíbrio, a coordenação motora, lateralidade, orientação espacial, agilidade e o ritmo.

As atividades lúdicas podem servir também de instrumento para a discussão de temas transversais pertinentes à nossa sociedade atual, como meio ambiente e saúde, temas tão necessários para a conscientização ecológica e que são sugeridos e valorizados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997). Portanto, para a busca desses valores e de uma ética que desenvolva a sustentabilidade, a educação não deve mais pensar num modelo individualista, mas sim no coletivo, através da convivência, da solidariedade, da compreensão e do respeito.

No INES, tanto as aulas de Artes quanto as de Educação Física utilizam

metodologias que empregam a ludicidade, o brincar, a brincadeira e o jogo de regras, atividades que propiciam a convivência entre os alunos, fundamentais para a promoção da construção da sua identidade e autonomia. Essas disciplinas, Artes e Educação Física, têm em comum um dos seus referenciais, o da Educação Infantil (1998) que enfatiza o direito da criança à brincadeira, garantindo a sua expressão particular, o desenvolvimento do seu pensamento e comunicação. Este momento é tão singular que Freire (2002, p.7) enfatiza que “a procura pelo jogo não é menor que a procura pela comida, portanto, ele deve constituir como esta, uma necessidade básica”.

O BRINCAR

Diversos autores, ao longo da história, reconheceram a importância do brincar para o desenvolvimento psicomotor e cognitivo, como Piaget, Vygotsky, Wallon, e Brougère, autor que valoriza também o brincar como uma atividade para a transmissão cultural. Dentre esses, convém destacar a reflexão de Vygotsky (1896-1934) que considera o brincar ou a ação de brincar importantes porque propiciam uma zona de desenvolvimento proximal, onde a criança pode superar a sua condição do momento desafiando seus próprios limites.

No caso do aluno surdo, há outro aspecto importante a ser considerado, o desenvolvimento da linguagem, visto que o brincar acontece numa relação comunicacional. A criança surda sem lín-

gua estruturada no seio familiar irá chegar à escola com uma defasagem linguística considerável, prejudicando o seu desempenho e suas relações pessoais. Cunha (2011) acrescenta que algumas crianças com necessidades especiais precisam ser estimuladas através da percepção, do estímulo à ação e, muitas vezes, do ensinar como utilizar o brinquedo.

Todavia, a comunicação do aluno surdo além da língua de sinais pode acontecer através do corpo em movimento. De acordo com Vianna e Castilho (2002, p.24), “a comunicação não verbal é um dos principais fatores do fenômeno da comunicação”.

Portanto, momentos coletivos na escola se tornam mais relevantes ainda para o aluno, porque, muitas vezes em casa, somente utilizam para o seu lazer meios eletrônicos, como videogames, tv e jogos eletrônicos, que não propiciam o desenvolvimento inter/transpessoal, corporal e cultural. Nesta perspectiva, Freire (2003, p.12) observa que “(...) a atual geração infantil de apartamento movimenta mais os dedos num videogame e num sintonizador de televisão do que o corpo como um todo”.

Observa-se que atualmente as ofertas de brinquedos eletrônicos e jogos industrializados têm atraído o desejo das crianças para o consumo, desvalorizando a criação do brinquedo ou do fazer artístico com outros materiais. De acordo com Kishimoto (2011), antes de 1990, o brincar não era valorizado e as sucatas eram uma alternativa somente para as pessoas de baixa renda. Com o tempo, a visão sobre as questões ambientais e a busca de um pensar ecológico fizeram

com que esses materiais começassem a ganhar status.

A sucata, nesta perspectiva, vem ganhando espaço nas escolas, tanto no fazer artístico quanto na ludicidade. Segundo Coutinho (2005), arteterapeuta, psicóloga e psicopedagoga, a arte com sucatas tem um significado potencializador por ser uma experiência criativa transformadora, propiciando a criança resignificar e renomear algo que supostamente iria para o lixo, dando novo sentido a objetos antes sem valor. Além de propiciar um planejamento prévio, a construção e união dos objetos propiciam a vivência de uma situação primeiramente caótica para uma mais harmônica ou mais estruturada, isto é, favorecendo a organização e a estrutura interna.

Portanto, mediante esses aportes teóricos, o projeto "A brincadeira está no ar" justifica-se por tentar propiciar ao aluno surdo momentos lúdicos que contribuam para o desenvolvimento de suas potencialidades na busca de uma educação de qualidade, valorizando o outro, o meio ambiente, a escola, dando um novo sentido não só ao material reciclado, mas também "reciclado" seus sentimentos, valores e emoções.

AS ETAPAS E OFICINAS

Foram escolhidos quatro brinquedos que possibilitaram o envolvimento do movimento corporal e elementos da natureza: água e ar. Divididos em 4 OFICINAS, os brinquedos construídos foram: pipa, barangandão, catavento e bolinha de sabão gigante. Cada aluno confeccionou seu próprio brinquedo

utilizando o material reciclável disponível e sob a orientação dos professores.

Os alunos foram divididos em dois grupos, dentro do seu turno, para propiciar o encontro de pares de acordo com a idade e interesse, levando em consideração, também, seu desenvolvimento motor. O Grupo 1 foi composto por alunos do 4º e 5º anos e o Grupo 2, com alunos do 1º, 2º e 3º anos.

Após a confecção do brinquedo, os alunos eram direcionados para o pátio A, onde podiam brincar livremente e descobrir as diversas possibilidades de sua utilização, deixando o clima da brincadeira entrar no ar.

AS OFICINAS

1. OFICINA DE PIPAS

Vem vento caxinguelê, cachorro do mato quer me morder/Vento lestado ou sudoeste eu vou vencer! A minha alma pela linha faz a pipa viver (releitura da Canção de chamar o vento - Prof. Murilo Castello Branco)

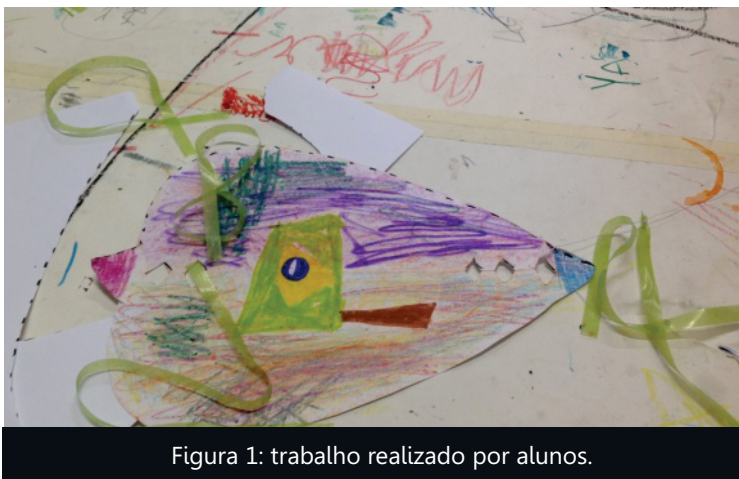


Figura 1: trabalho realizado por alunos.



Figura 2: Pipas sendo confeccionadas.

A pipa pode receber diferentes nomes, como papagaio, raia e peixinho, pode ser feita em diferentes formatos e tem um rabo que pode também ser chamado de rabiola. A criança percebe que, para empiná-la, é necessário vento ou movimento corporal que force o seu desenvolvimento no ar.

Nesta oficina, foram confeccionados dois tipos de pipa: a pipa com papel de seda e varetas de madeira, alunos maiores; e a pipa de papel e linha de costura, alunos menores (FIG.1 e 2). Material utilizado: tesoura, linha 10, varetas, tubos de cola, molde de madeira no formato das pipas, papel seda, papel branco e caneta para colorir.

Os alunos maiores auxiliaram, juntamente com os professores, os colegas que não sabiam confeccioná-las.

2. OFICINA "BARANGANDÃO ARCO-ÍRIS"

O barangandão é um brinquedo confeccionado com papel crepom, jornal e barbante, que, ao ser girado, parece um arco-íris (fig.3). Foram utilizados os seguintes materiais: papel crepom colorido, fitas coloridas, jornal, fita durex colorida e barbante.

Após a confecção do mesmo, os



Figura 3: Barandandão.



Figura 4: Movimento Livre.

alunos foram estimulados a realizarem movimentos diversos; primeiramente livres, e, após algum domínio do brinquedo, movimentos com pequenas regras (fig.4). Este tipo de dinâmica possibilita o aprimoramento da coordenação motora e localização espacial. Para os adolescentes, foi proposta também uma atividade com deslocamentos, encontros e cruzamentos, realizada no pátio A.

3. OFICINA CATAVENTO DE GARRAFA PET

Segundo Gonzaga (2015), os cataventos surgiram na China por volta de 915 A.C. (Fig. 5). Esse brinquedo é feito com uma hélice, no caso, de garrafa PET, presa ao centro de uma vareta. Através do sopro, do braço ou do nosso deslocamento corporal no espaço, conseguimos produzir um movimento circular da hélice.

ce. Foram utilizados os seguintes materiais: palito de churrasco, caneta hidrocor, fita adesiva colorida e alicate.

A hélice do catavento era entregue à criança para colorir livremente com o hidrocor, após isto, com o auxílio dos professores, ela era fixada na vareta.

4. OFICINA BOLA DE SABÃO GIGANTE

Assim como o ar, a água é um elemento da natureza imprescindível à sobrevivência humana e de outros seres vivos. Propiciar o contato com esses elementos da natureza de forma lúdica, nos anos iniciais, é despertar o aluno emoções positivas ao experimentá-los.

Foram utilizados os seguintes materiais: arame, barbante, bacias grandes e pneu cortado. E para as bolas de sabão foi utilizada uma receita especial para resistir ao tamanho dos arames (Ane-



Figura 5: Catavento.

IMAGINAR UMA EDUCAÇÃO
DE QUALIDADE PREOCUPADA
COM A TRANSMISSÃO DE
CONHECIMENTO DE MUNDO
AOS ALUNOS SURDOS, BEM
COMO A PREOCUPAÇÃO COM
UMA EDUCAÇÃO
SUSTENTÁVEL, REQUER O
DESPERTAR DA ÉTICA QUE
PROTEJA A DIGNIDADE DA
VIDA EM TODOS OS SEUS
ASPECTOS
SOCIOAMBIENTAIS.



Figura 6: Alunos brincando com bola de sabão.

xo I). Na atividade, foram disponibilizados para as crianças arcos grandes e bacias com detergente especial, para soprarem e fazerem as bolas livremente (Fig. 6).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola da atualidade é a escola do pensamento e do desenvolvimento cognitivo que traz do imaginário e do raciocinar uma simbiose da teoria com a prática. A simbiose implica uma inter-relação de tal forma íntima entre os conteúdos desenvolvidos, que se torna obrigatória a teoria associada com a prática. Sendo assim, o pensamento e o imaginário fazem do sonho uma proposta real, onde os arquétipos desenvolvidos pelo intelecto, com uma visão interdisciplinar dos conteúdos, transformam a realidade. Dessa forma, sonhar real e pensar estão em comunhão com o desenvolvimento

da humanidade.

Resgatar brinquedos e brincadeiras folclóricas dando “voz” à expressão dos alunos, despertando a criatividade e favorecendo a comunicação e a troca entre os pares foram objetivos alcançados com esse projeto. O contato com os elementos da natureza água e ar e o conhecimento do conceito de “sucata” ajudaram na percepção sob a necessidade de cuidado com o meio ambiente.

Por esse motivo, resolvemos adotar a utilização de materiais tridimensionais, dentre eles a sucata, porque despertam maior interesse por parte dos alunos, fazendo com que suas produções resultem em trabalhos mais elaborados. Além disso, a equipe percebeu o quanto foi enriquecedor tanto para os alunos quanto para o grupo de professores a criação de uma rede de emoções, afetos e solidariedade que se evidenciou durante as atividades entre esses dois

grupos. Portanto, imaginar uma educação de qualidade preocupada com a transmissão de conhecimento de mundo aos alunos surdos, bem como a preocupação com uma educação sustentável, requer o despertar da ética que proteja a dignidade da vida em todos os seus aspectos socioambientais. Para tanto, é fundamental propiciar às crianças a criatividade, o lazer, a proteção e afetos a que elas têm direito.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: arte/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais, meio ambiente, saúde. Brasília: MEC/SEF, vol.9, 1997.
- COUTINHO, Vanessa. Arteterapia com crianças. Rio de Janeiro: Wak, 2005.
- CUNHA, Nylse Helena Silva. O Brincar e as necessidades especiais. In: SANTOS, Santa Marli Pires dos (org.). Brinquedoteca: a criança, o adulto e o lúdico, 7. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011. p. 29-36.
- FERRAZ, Maria Heloísa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Rezende. Metodologia do ensino de arte: fundamentos e proposições, 2. ed. ver. e ampl. São Paulo: Cortez, 2009.
- FREIRE, João Batista. O Jogo: Entre o Riso e o Choro. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2002. (Lucia, J. B. é o sobrenome, dois nomes?).
- FREIRE, João Batista. Educação de Corpo Inteiro, Teoria e prática da Educação Física. São Paulo: Scipione, 2003.
- GOLDFELD, Marcia. A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista. São Paulo: Plexus, 1997.
- GOUVÊA, Eliane do N. Sala Ambiente

de Artes para alunos surdos – uma proposta de inclusão e sustentabilidade. Dissertação – Mestrado Profissional em Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente - Centro Universitário Anhanguera de Niterói. 169f. 2013. Niterói, Rio de Janeiro: UNIAN.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. A brinquedoteca no contexto educativo brasileiro e internacional. In: OLIVEIRA, Vera Barros de. (Org). Brinquedoteca: uma visão internacional. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011. p.15-35.

TENÓRIO, Lúcia Maria Fonseca. A Educação Física e o Ensino de Surdos: sua participação no processo pedagógico e na formação do sujeito surdo, visando a sua inclusão social. 2008. 115f. Dissertação – Mestrado Profissional em Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente. Niterói, Rio de Janeiro: Centro Universitário Plínio Leite.

VIANNA, A.; CASTILHO, J. Percebendo o Corpo. In: O Corpo que fala dentro e fora da escola. GARCIA, R.L. (org). Rio de Janeiro: DP & A, 2002, p. 17-34.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Nacional para a Educação Infantil, Ministério da Educação e do Desporto. Brasília: MEC/SEF, vol.2, 1998. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume2.pdf>> Acesso em: 04 de mai. de 2015.

GONZAGA, Ana. Avião de papel, pipa, cata-vento e outros brinquedos voadores. Disponível em <<http://revistaescola.abril.com.br/educacao-infantil/4-a-6-anos/aviao-papel-pipa-cata-vento-outros-brinquedos-voadores-613128.shtml>> Acesso em: 04 de mai. de 2015.

ANEXO:

Receita para as bolas de sabão grandes
Disponível em

<<http://deneir.arteblog.com.br/280752/BOLHAS-DE-SABAO/>>

Materiais:

100 ml de glicerina
200 ml de detergente
1600 ml de água

Modo de fazer: Juntar os ingredientes e deixar de molho de um dia para o outro.

**PARA SUBMETER
ARTIGOS PARA
REVISTA ARQUEIRO E
BAIXAR AS OUTRAS
EDIÇÕES
GRATUITAMENTE
ACESSE:**

www.ines.gov.br/seer



Portal de Periódicos do *ines*

INSTITUTO NACIONAL DE
EDUCAÇÃO DE SURDOS



Departamento de Desenvolvimento
Humano, Científico E Tecnológico



Ministério da
Educação



REVISTA

Arqueiro

PERIÓDICO DE DIVULGAÇÃO DE
EXPERIÊNCIAS POLÍTICAS E PRÁTICAS
EM EDUCAÇÃO DE SURDOS

O objetivo da Revista Arqueiro é veicular experiências de trabalho relacionadas ao universo surdo. Nesse sentido, esta edição traz os relatos de profissionais do Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES que coordenaram os Grupos de Trabalho (GT) ocorridos no XX Congresso Internacional do INES/ XIV Seminário Nacional de 2015. Nesse evento, foram organizados quinze grupos trabalho com temáticas específicas. A proposta foi a troca de conhecimentos entre pares, incluindo profissionais do INES e a comunidade externa, uma vez que a interação com diversos atores do âmbito da surdez traz para o Instituto uma perspectiva sobre as expectativas do país inteiro com relação às políticas públicas da área.

INES
Instituto Nacional de
Educação de Surdos



Ministério da
Educação

